

Contos do Tempo Perdido

Contos do Tempo Perdido

Volume 4 - Sinestro ressurge

Contos do Tempo Perdido

*Dedico esse livro a minha a família
pois mesmo que não concordemos
mantivemos os laços que nos unem. E
a minha prima Yasmin Aparecida
Caraca, pois finalizei o livro no dia
de seu aniversário*

Esse texto não tenta ser verossímil ou realístico. Ele simplesmente tenta usar um cenário baseado em um período real para contar uma história fantástica.

Contos do Tempo Perdido

Contos do Tempo Perdido

Volume 4 - Sinestro ressurgue

Introdução - Página 9

Livro VII: Aumine o universo - Página 22

- Capítulo I: Diamantes virgens - Página 23

** O resgate dos aliados - Wolfgard, Tom e Thror -
Página 53*

** A espada para Wolfgard - Wolfgard, Tom e Thror
- Página 79*

** O monstro de Avalon - Wolfgard, Tom e Thror -
Página 96*

** Teste de honra - Siegfried, Lacktum e Thror -
Página 119*

** O inimigo nunca visto - Lacktum, Ulfgar e*

Bahamunt - Página 128

** O demônio liberado - Lacktum - Página 143*

- Capítulo II: Coração de Aço - Página 159

*- Capítulo III: Minha doce sombra -
Página 195*

- Capítulo IV - Céu perdido - Página 213

- Capítulo V - Redenção tardia - Página 239

Livro IX: A última canção - Página 266

- Capítulo I - Reflita a tempestade - Página 267

- Capítulo II - Amigo ou demônio - Página 303

*- Capítulo III - Irmãos de sangue - Página
327*

- *Capítulo IV - “Amarei você até a Morte!” -*
Página 353

- *Capítulo V - O lugar silencioso - Página 407*

Especial - Página

- *Parte da Cosmologia de Gaya - Página 512*

- *Cosmologia e divindades em Gaya - Página 513*

Contos do Tempo Perdido

Introdução

Dragões. Talvez os seres mais magníficos das lendas e mitos. Com força e magia suficiente para alterar a realidade como bem entender. Nos mitos cristãos, sempre são associados ao mal e toda perversidade. Já entre os celtas, simbolizava o poder bruto da natureza, assim como da própria Arte. Até mesmo nos mitos grego e mesopotâmicos eles existiam como feras surgidas do caos ou caprichos divinos. Porém, só no extremo leste, as criaturas tinham postos superiores. Quando não eram considerados lordes, alguns o chamavam de deuses. E seus atos influenciavam os homens. Não importava entre que povo surgiam relatos deles chegavam aos mortais trazendo ódio, medo, intolerância, fascínio, desafio, loucura, conhecimento, idolatria. E acima de tudo respeito. Sempre respeito.

Quase sempre descritos como seres colossais, de poder inigualável. Os relatos normalmente os definem como monstros quadrúpedes que supera facilmente um castelo de grande porte. Estes leviatãs realmente alcançavam tal estatura. O, porém, é que as pessoas mundanas só se fixavam nisso. Corpos recheados de escamas duras, frias, rígidas e fortes cobriam seus esqueletos anormalmente grandes. Presas gigantescas, quase do tamanho de homens adultos fortes. Para devorar qualquer inimigo e se alimentar deles. Assim como faziam com pedras preciosas. Os minérios eram petiscos para tais titãs com forma reptiliana. Conseguiram triturar diamantes, por exemplo, com relativa facilidade. Além de seus sopros e asas.

Ah! As asas. A habilidade divina de voar. O eterno sonho da humanidade. Nunca que um homem tal feito por meios próprios. A não ser, através da genialidade de alguém ou magia.

Só com o fim da Era Mitológica muitos mortais começaram a compreender magia. Algumas vezes eram ensinados por divindades. Algumas vezes eram prodígios que superavam qualquer método conhecido, através da fé. Na verdade, estes aprendizes são chamados de clérigos e druidas. Uma ligação mística entre um sacerdote e seu deus. Outros usavam pactos com forças abissais, conhecimentos secretos, legados arcanos ou a caça de livros sobre a Arte. Alguns, muitos raros, aprendiam com dragões. Isso se tornou mais difícil com o êxodo dos dragões. Não impossível, contudo.

Ixxanon ensinou alguns eruditos, ao qual Azerov viria a ser um deles, seguindo essa linha. Yo-Long, tentava manipular nas sombras bruxos e feiticeiros, nas terras onde um dia foi senhor. Essas criaturas nas trevas, sempre ensinavam aqueles com aptidões. O motivo ninguém sabe.

O problema é que existem aqueles que, mesmo sendo fracos preferem enfrentar estes seres de elevado poder. Conhecidos como caçadores de dragões.

Muitos existiram. Poucos se tornaram lendas. E muitas vezes, não sabemos muito sobre estes homens. Mas três armas desses loucos desvairados ficaram na história: Slithar-mor, aquela que fere os corações malignos dos seres dracônicos, mais

conhecida como Fim-dos-Dragões; *Lomethar- Aure*¹, a lâmina que elimina os justos; e Turmaffíreb², a que julgava as almas dos justos. Todas as três já eliminaram dragões poderosos, envolvidos em grandes feitos épicos. Cada uma foi forjada de modo diferente trazendo mistério para elas. E chamando a atenção até de seres de outros planos.

Sem saber os Dragões da Justiça mal sabiam que mais uma das lâminas iria os reencontrar. Não que ela iria auxiliar eles. Nas mãos de um caçador de dragões.

Só que agora, este tomo, falará de outro dragão que se elevava. Sinestro.

Finalmente o poderoso dragão dominou aquelas terras inglesas. Através da força e medo. O seu Pacto voltaria a levantar os antigos inimigos como mortos famintos. Ou talvez, algo mais perigoso. Dependeria de como seus servos fariam isso. E quem seria reerguido.

Além da Inglaterra, o reino da França e vários territórios humanos, eram controlados por uma das Alianças do Pacto. Com exceção dos locais que Mallmor anteriormente dominou, já que esse desistiu de seu posto. Não era mais um membro daquele bando.

Quais motivos para isso é o que muitos se questionam. Era claro, desde o começo, sua indignação contra os planos do grande

¹ “Noite através do dia”.

² “Escudo dos homens”.

dragão de esmeralda. Nunca houve bons motivos para ele seguir Sinestro.

De qualquer modo, Diogo, Lyon, Daehim e Zacharias se mantinham como as mãos firmes do Pacto. Os dois primeiros possuíam consigo uma cópia cada da Lanterna dos Condenados. E o único que carregava o verdadeiro artefato era Kalic Benton II. Ele usava o item pois Sinestro confiou ao mago mascarado grandes segredos. O problema é que o Príncipe Negro dos Anões também possuía uma daquelas falsas relíquias.

Não mais um nobre lorde dos anões. Nem um líder do Pacto de Guerra. Só seria tratado como um pária para sempre. Visto que mesmo entre os humanos era temido e odiado. Efeitos que também atingiam os Dragões, mesmo que já tenham lidado com o exército do senhor renegado da Rosa dos Ventos.

Se bem que isso também ocorria com o exército de Sinestro. Os mais simples acreditavam estar sendo cominados por exércitos inimigos, surgidos literalmente do nada. Já alguns poucos, com dons ou sabedoria suficiente notavam a verdade: armaduras se arrastavam pela escuridão da vida. Destruindo tudo ao seu redor. Ou nada haviam nelas ou esqueletos e carnes podres. E tempos atrás, alguns jurariam que haviam anões os atacando.

Quando as aldeias não eram devastadas, os membros delas eram presos e escravizados de sua forma cruel. Isso quando os jovens não eram torturados de diversos modos. Alguns necromantes dominavam mortos famintos, para capturar cobaias em seus experimentos. Quando não criavam mais soldados ou os

sem descanso. Verdadeiras pragas para os mundanos. O mal não estava mais nas trevas.

Isso sem contar o que ocorria nas terras distantes. Na Segunda Cruzada. Uma medida ousada e cruel do clero para expandir o cristianismo para todos os cantos do mundo conhecido. Mesmo acreditando que seria algo parecido com a Primeira Cruzada, ainda assim, os aristocratas acompanhavam os líderes dos reinos nessa empreitada. Em especial Luis VII, que claramente tomou uma decisão radical e que não tinha acesso a poderes mágicos. Uma coisa que se deve saber, é que muitos dos reis da época, não possuíam conselheiros envolvidos com a Arte. Devido a história de Artur, Merlin e Morgana, mesmo que muitos tratassem aquilo como lenda. De qualquer forma, ele precisaria cruzar com um grande exército, uma rota cheia de montanhas, que mesmo, quando ficavam em área aberta, poderiam ser emboscados por turcos. Por fim, os soldados tinham que aturar as mais terríveis condições do tempo. Era uma época de trevas, fosse para os céticos ou fanáticos.

Depois de tudo isso, muitos pensariam que Gaya já estaria condenada o suficiente. Mal sabiam que isso não era nem metade da força daquela chama consumidora de almas. Havia muito mais envolvido. Não era só o Coração Gélido avançava contra os heróis.

Sem saberem de tudo isso, os Dragões juntos a James, chegaram ao lugar onde parte das lendas arturianas tiveram origem. Avalon, a Ilha das Brumas.

Os que nunca estiveram naquele local antes, observavam pasmos a mágica ao seu redor. Parecia que nenhuma força tivesse mexido naquelas terras desde muitas eras. Não que os mais antigos dos membros do grupo tivessem esquecido, mas a sensação de rever aquele lugar era maravilhosa. Talvez, isso se deva a uma força tão grande quando a fez Gaya surgir. Algo de uma era anterior aos homens, pelo menos.

-Nunca imaginei... Vocês disseram, mas... Como iria imaginar...Tal maravilha – disse Tom um tanto espantado.

-Realmente. Nunca vi algo tão lindo assim – falou Siegfried totalmente espantado.

-Não sabem de nada vocês – revelou Thrór enquanto caminhavam pelas terras arcanas – Chegamos aqui em outra parte da ilha. Onde várias frutas surgem, dos mais diversos tipos, tamanhos, gostos e origens. Como se chamava o local Lacktum?

O mago ruivo, que estava na frente distraído, respondeu logo em seguida seu amigo:

-Ah! Sim. O lugar é chamado pelo povo daqui de Litoral das Delícias. Na verdade, outro nome também é usado. Só que não veem a cabeça agora qual era.

-Litoral da Dádivas – falou o jovem Seton – foram os druidas de Avalon, juntos com as feiticeiras que criaram aquele local. Na época em que Merlin era vivo. Eu acho...

-Como assim acha? E quem era Merlin? – questionou a curiosa Valquíria.

Seton se aproximou da jovem e de Tom, explicando:

-Vamos por partes. Merlin foi um mago de grande poder. Muitos falam que na verdade, ele surgiu de uma mulher que se deitou com um demônio. Outros, que foi concebido pelo sangue de um dragão. Alguns falam até que na verdade, ele tenha sido criado pelo espírito da Inglaterra, antes mesmo do território se chamar assim. O que faz mais sentido na minha opinião. Acontece é que pelo que os boatos da época falam ele desapareceu das terras das inglesas, teoricamente morto em combate arcano. Existem várias lendas também falam, sobre como isso foi possível. Uma delas é que ele teria sido aprisionado por uma antiga discípula. Talvez por poder ou luxúria, isso ninguém sabe. O pouco que é conhecido fala de uma prisão cristalizada.

-Não esqueceu de algumas coisas nessas lendas? – disse Gustavo mais na frente.

Caminhavam por uma área verdejante, enquanto conversavam sobre tudo aquilo. Pareciam que caminhavam por um território nunca antes explorado. Ainda assim, uma trilha natural surgia diante deles. A luz do sol passava por entre algumas das árvores.

-Acabou omitindo que ele treinou Arthur. Ou melhor, o guiou. Que este rei foi um dos maiores protetores da fé cristã. Mesmo possuindo como conselheiro um servo de Satanás. E que muitos não sabiam se era um feiticeiro ou druida – Gustavo afirmou.

Contos do Tempo Perdido

-Isso é verdade – disse Lacktum – Pelo menos essa última parte.

-Grande coisa – gesticulou o druida de foice – Isso não retira o fato de que ele ajudou essas terras. Que tem origem celta.

-Sempre falando a seu próprio benefício. Não é verdade Arctus? – cutucou o cavaleiro sagrado de Cristo, ao seu amigo padre.

-Na verdade – suspirou o clérigo de Deus – eu acredito que deveríamos passar a respeitar outras crenças.

Todos, com exceção dos mais novos membros entre os Dragões e James Gawain, pararam atônitos com tal atitude. Olhos arregalados cresceram em cada aventureiro. Uma frase como aquela nunca viria de Arctus. Talvez de Lacktum, mas daquele homem, jamais.

-Eu esperava que você condenaria isso. Nunca pensei que seria... Tolerante. Nem consideraria os antigos costumes uma religião – ponderou Gustavo, cheio de dúvidas sobre tudo aquilo. Afinal, aquele homem era como parte de sua família. Preocupava-se com ele, desde uma doença, a um surto de loucura. Achava que a segunda opção fazia mais sentido.

-Digamos, que comecei a respeitar os homens que mantêm esses costumes.

Com um gesto de James, todos se calaram. Um simples aceno de sua mão magnânima. Parecia inquieto. Algo não estava certo ali, ao menos para ele. As convidativas matas daquela ilha,

por um instante, pareciam traiçoeiras. Todas as brumas do local traziam algo estranho. Não mais com magia do bem.

Os jovens se calaram. Mesmo o elfo louco temeu algo e calou sua boca.

-O que houve James? – perguntou Lacktum Van Kristen com tom baixo.

-Parece preocupado. Qual seu problema? – questionou Seton de modo infantil.

-Não trate tal assunto desdém druida – pediu Valquíria.

-Eu só quis disser... Espere! Quem é você para exigir algo de mim mulher?

Tom se interpôs fisicamente entre sua aprendiz e o sacerdote da natureza.

-Ela está sob meus cuidados homem. Se algo ocorrer a Valquíria...

-Calaros! – exigiu a moça.

Os dois ficaram quietos como meninos malcomportados que levaram bronca de sua mãe. Realmente, o que faltava no grupo era um toque feminino. Ou melhor, a voz forte da mulher.

-Silêncio. Jovens... Noto que algo está errado. Pelos deuses. Alguém vem pelas brumas – sacando a espada, Gawain apontou em certa direção das nevoas – Quem vem lá?

Lacktum espantou-se com tal atitude.

-Qual o motivo disso tudo?

Um olhar calmo, porém, ainda concentrado na figura das brumas, se dirigiu para o mago ruivo.

-Mago, digamos que algo está agindo por trás da corte sidhe. Estamos, literalmente, em território inimigo. Mas agora, vamos saber quem se aproxima...

Das brumas surge uma figura diminuta. Com roupas da mesma proporção. Estranhas para qualquer um. Porém, mais comum para os antigos membros do grupo. Só que estava esfarrapado e ferido. Com pele escamosa, uma cauda alongada e parecida mais com a de um rato e um crânio mais achatado com olhos que lembravam um cão pequeno. Sem contar os pequenos chifres. Ainda assim, andava com seus dois membros inferiores e foi reconhecido pelo aventureiros.

A figura caiu no chão. Parecia sangrar, quase morrendo. Um, dos irmãos Wadonski, estava gravemente ferido.

-Wachowski! – gritou Thrór, enquanto corria na direção do pequenino.

-Warronski? – falou Valquíria estranhando a atitude do guerreiro.

-Na verdade, eu escutei Warbronski – Tom comentou tentando lembrar o que aquele careca havia gritado.

-É Wadonski! É nosso amigo! – bravejou enlouquecido o líder dos dragões ao encontro do ser conhecido.

Todos foram ao auxílio dele. Arctus o curou. Ainda assim, não poderia levantar ou andar muito rápido. Por enquanto.

O mago segurava ele entre seus braços. Mesmo com o aliado ferido precisava questiona-lo. E com olho atento de James a toda aquela situação.

-Quem lhe fez isso? Por qual motivo?

Tossindo e com dificuldade, ele finalmente falou algo.

-Arda... Seus soldados... Ele capturou... Irmãos e seus amigos...

James bateu com a manopla em sua testa. Sua raiva era clara. Ele fez seu manto levitar enquanto corria e o paladino correu igual ao cão de caça mais veloz e feroz. Sua presa já tinha nome. E seus dentes, seriam os golpes de sua espada se precisasse dela.

Todos tentavam acompanhar o homem. Sem saber seus motivos precisamente, o grupo corria por uma planície agora. Limpa e linda como os Campos Elísios, ou nos contos sobre os montes dos sidhes, alguns imaginavam. Até mesmo o paraíso cristão, Éden. Aquela terra sagrada estava prestes a sofrer um golpe nunca antes sofrido.

Ainda que o grupo fosse grande, poucos conseguiam acompanhar a velocidade do Lobo Sacro. Lacktum lançou sobre si um feitiço e alcançou aquele paladino de Kanglor. Ainda assim ainda tinha dificuldades para isso

-O que houve James?

Contos do Tempo Perdido

-Acabei de me recordar. Arda é o regente. E recentemente se tornou rei das fadas. Mesmo não sendo rei de Avalon, isso lhe dá muito poder agora. Acredita que pode fazer o que quiser sem autorização do Triplo Conselho da Arte. E penso que seu próximo passo seja excitar os reinos de Árcadia e Midgard contra os anões. Ele quer guerra.

Sinestro ressurge

Contos do Tempo Perdido

Livro VII: Aumine o
universo

Capítulo I: Diamantes virgens

As folhas no chão eram esmagadas. Aquelas grevas destruíam cada sinal de natureza em seu caminho. Enquanto alguns, com suas humildes botas se esforçavam para acompanhar Gawain, este fazia movimentos velozes sem dificuldade. Os jovens não compreendiam aquilo. Ele parecia com um lobo no ataque mesmo com uma armadura pesada.

Cada passo deles, os aproximavam do centro de Avalon. Lá poderiam falar com os colegas dos membros mais antigos dos Dragões e com o próprio rei Arda. Porém, algo fez James se desesperar. Alguém tramava nas sombras. O rei poderia estar envolvido em algo bem maior. Só que ele também auxiliou os Dragões da Justiça. Não fazia sentido.

Quando estavam próximos das casas e castelos, o paladino de Kanglor parou. Subitamente. Encarou um homem alto, com manto. Ele surgiu como um espectro a frente deles.

Finalmente, os membros do grupo alcançaram o cavaleiro sagrado devido a aparição súbita do homem misterioso. Notaram o tratamento cordial entre eles. Deveriam ser amigos, ao que tudo indicava. Os jovens tinham medo que pudesse ser um soldado que servia Avalon mais bem treinado e perigoso para os deter. Porém, seu sotaque era conhecido.

-Um inglês como você só traz problemas mesmo, não é Gawain? - disse aquele homem, sem revelar ainda sua identidade – Nesse caso, na forma desses jovens.

-E um druida deveria ser menos intrometido. Não acha Galtran? O Coração Prateado! Pelos deuses! Você aqui?

-O mesmo tolo James! Me conceda um bom aperto de mão!

Bateram as palmas de suas mãos com tal força, que foi possível ouvir no ar um estouro. Em seguida, quando todos os Dragões da Justiça alcançaram aquela dupla antiga, notaram algo. O cumprimento também era uma medição de forças. Era notável, que cada qual mostrava uma expressão de dor e desafio.

Valquíria, a única mulher entre eles riu de tudo aquilo. Já os homens, em especial os combatentes, admiravam essa cena. Bahamunt encontrou um esquilo e começou a dialogar com ele, alheio a tudo.

-Está mais forte James – verificou Galtran.

-Não como você... Coração Prateado... - e em seguida, o paladino soltou a mão do druida.

Ainda bem que o fez, pois, sua manopla de paladino estava um pouco esmagada. Pior era notar que as mãos do sacerdote estavam completamente nuas.

-Mas não deixei minha terra natal para brincar com você James – foi então que o homem tirou o capuz, revelando os

cabelos vermelhos – Vim aqui para tratar com Arda. Pelo que ele fez.

-Como assim? - perguntou de uma forma intrometida Lacktum.

-Isso mesmo. Não é Arda o líder, o regente dessas terras? O defensor daqui? - soltou Thrór inocentemente.

-Não se esqueça também guerreiro, que ele é o rei das fadas – Seton disse isso, para corrigir seu colega.

-Que seja...

James suspirou rapidamente. Apontou para Galtran e pediu que explicasse o que estava ocorrendo.

-Antes de tudo, gostaria de me apresentar. Chamo-me Galtran Coração Prateado. Sou um dos membros fundadores dos Imortais Esquecidos, para aqueles que não me conhecem. Vejo muitos rostos novos entre as fileiras do grupo. Espero que saibam do que está sendo tratado aqui... Bem, eu, James e Kalidor, muito tempo atrás, estivemos caçando Kalic Benton. O primeiro. Depois de um combate entre nós e esse cavaleiro farsante, seu corpo inútil ainda conseguiu tempo para concretizar seu último plano. Além de desestabilizar nosso grupo, uma trama muito maior já havia se iniciado. A Guerra do Arco e do Machado foi um golpe.

-Como assim? - questionou o druida Seton.

-Que guerra foi essa, a qual nunca ouvi falar? - disse Arctus curioso.

Contos do Tempo Perdido

-A Guerra Secreta das Raças, como também ficou conhecida. Um conflito arcano entre elfos e anões. Nenhum mortal mundano cogita que existam elementais. Quanto mais, um conflito de tal magnitude. As igrejas tentam ignorar estes seres. Ainda mais se pensarmos que já tentam lidar com magos humanos – revelou Lacktum.

-Faz sentido arcano – afirmou com a cabeça Arctus.

Finalmente, aqueles jovens estavam conseguindo conviver de modo bom. Pena não ter sido mais cedo. Isso evitaria discussões desnecessárias antes. Porém, o tempo já passou e alguns ainda precisavam crescer ainda.

Galtran continuou:

-A morte de muitos elfos nobres, pouco antes de conflito, deixou muitos com receio. Sem muitos notarem, Arda ficou como último ser preparado para assumir o manto de regente. Tudo é algo como um plano sombrio, longo e elaborado.

-Isso e muito mais – interrompeu James – Ao mesmo tempo em que Arda assumiu a regência de Avalon, os anões começaram o conflito com Mallmor.

-Fala do Príncipe Negro dos Anões? - questionou Seton, lembrando-se da Torre de Azerov.

-Nós temos um príncipe? - ficou confuso o paladino de Ulfgar.

James riu. Foi interrompido por Galtran.

-Pelos deuses! - comentou o paladino de Kanglor - É mesmo... Por ter vivido no Norte, nunca soube sobre os costumes comuns do seu povo. Entre vocês, é escolhido um líder entre as oito casas da Rosa dos Ventos. Nós o tratamos como imperador, só que seu povo o chama de machado eterno. Assim, acreditamos que ele foi vítima de uma trama cruel. Culpa de Kalic Benton.

-O mesmo que seria mestre de Lucian, o Kalic Benton II – reinterou Galtran.

-E o que esse chamado de Príncipe Negro dos Anões, tem com o que está acontecendo? - falou Ulfgar.

James bufou e em seguida respondeu:

-Talvez nada. E aí é que está o problema...

-Como assim? - falou um inconformado Lacktum com essa definição dos fatos apresentados – Pelo pouco que sabia sobre os anões... Mallmor matou um dos anões, um dos lordes... Um dos oito que protegem o imperador.

-É que isso parece suspeito! - interrompeu o druida, membro dos Imortais Esquecidos – A amizade entre os dois lordes, que inclui Mallmor, era genuína. Não faria sentido.

-Ah não ser... - começou Arctus, que foi interrompido por James.

-Que alguém estivesse por trás de tudo isso.

Então, os Imortais e os Dragões notaram que talvez estivessem em território inimigo. E, portanto, deveriam preparar um plano.

Estavam finalmente na cidade. Chamada de Jóia Élfica - também chamada por alguns como Jawahara – esta cidade se mantinha como antes: com ares de magia para qualquer canto que observassem. Não importava quantas vezes seus olhos encarassem aquilo, eles jamais deixariam o encanto daquele lugar se perder.

Com exceção de James e Galtran, todos os outros estavam com roupas mais simples e conhecidas. Como o plano era confrontar Arda. E mesmo assim, não poderiam fazer alarde. Para tanto, o paladino e o druida usavam mantos pesados. Desse modo, escondiam suas identidades. O que também pouparia os soldados locais. Aqueles dois eram poderosos e causariam mortes desnecessários, caso fossem revelados.

Acompanhavam eles, com olhos de curiosidade, humanos e elfos. Era claro que nunca os haviam vistos. Ou se esqueceram deles. Era o efeito do Tempo Perdido.

-Não se lembram de nós mesmo? - indagou Seton.

-Não jovem druida – respondeu Galtran – Se não fossem poderosos, os meus aliados guerreiros não lembrariam de mim, quando muito afastado deles. É por isso que devemos contar com o Conselho Arcano de Avalon. Os soldados são poderosos e estão nas mãos de Arda. Não o suficiente para nos enfrentar, mas fortes para darem trabalho. O povo nunca irá contra um regente de Avalon e rei das fadas. Especialmente por estrangeiros

desconhecidos. Só que se mostrarmos que estão errados sobre seu líder...

Foram interrompidos. Ocorreu que Bahamunt gritou de dor. Lacktum estranhou e se aproximou dos três amigos do Norte.

-Contenha-se Bahamunt! - exigiu o líder dos Dragões.

-Não temos como impedir... Ele parece mais louco que de costume.

Quem o continha pelos braços era Siegfried. E ele exigia:

-Vamos lá elfo! Fique calmo! Pois se continuar assim... Os soldados vão nos interrogar...

-Pai... Mãe... Arda... Traição... A lâmina dele está encharcada de sangue... Songard... E seu filho Siegfried... Sombras não tem sangue...

Então finalmente, o arqueiro desmaiou nos braços do guerreiro. E diante do mago ruivo.

-Mas que maldição ele estava falando Siegfried? - Lacktum precisava de uma resposta.

O humano de cabelos longos e negros, deitou seu amigo dormente.

-Eu não sei Lacktum... Só lhe digo isso: nunca mencionei o nome de meu pai diante de Bahamunt. E ele o pronunciou. Corretamente.

Mistérios envolviam Bahamunt. Logo eles seriam solucionados.

Finalmente, depois de cruzarem boa parte daquele lugar, todo o grupo alcançou aquele antigo salão. O mesmo que refletia um céu noturno estrelado. Só que dessa vez, não concedia o mesmo espanto de antes. Ainda que fosse lindo.

Talvez Siegfried poderia se deixar espantar, se não carregasse seu amigo élfico, como se fosse uma criança. Em suas costas, jogado por Thrór. Com exceção de alguns itens de valor sentimental, várias das armas de Bahamunt eram carregadas por Seton. Aquele elemental, ainda passava mal e continuava desmaiado.

Entraram com certa resistência dos soldados. Nada que o grupo não soubesse lidar. Quando a força de Ulfgar ou Gustavo não resolvia, era a vez de alguma magia de Tom que fazia as vezes. Lacktum gostava disso no clérigo, já que normalmente suas magias eram voltadas para o ataque. Assim com as dele. Só queria que suas magias de cura fossem úteis nos momentos mais sinistros.

Com o número cada vez maior de membros em sua comitiva, Arctus não conseguia curar tantos. Uma ou duas mãos, mesmo que fossem só para criar emplastros, já serviriam. Só que não era o momento para tais conjecturas.

Esperaram um bom tempo. Lacktum exigiu a presença de Arda como fora planejado antes. Os Imortais ficavam mais atrás, se unindo as poucas sombras do local. Vigilantes e prontos.

Nesse meio tempo, o mago verificou como estava aquele Wadonski. Estava nos braços de Valquíria. Parecia um pouco melhor, pelo bom tratamento da clériga de Zeus.

-Meu diminuto amigo. Como está?

-Melhor... É o jovem Van Kristen, não é? Estamos em perigo. Pelo menos aqui na ilha.

-Não se preocupe. Saíremos quando arrumarmos o que está errado em Avalon. O deixaremos em segurança.

Eis que os anunciantes surgiram. Mas foram interrompidos de forma quase cruel. Enfim, o regente e rei estava diante dos jovens aventureiros e dos dois misteriosos sujeitos. Bufava mais que um dragão, comentou Thrór. Não que ele tivesse visto muitos até então, pelo que lembrava.

-Ao menos, um dragão é mais honesto. Comparado a Arda pelo menos – complementou Lacktum.

Após observar com raiva aqueles seres, o atual rei das fadas apontou na direção do Van Kristen. Seu modo era mais esnobe e cheio de raiva do que antes. Usava roupas finas, como na vez anterior, só que possuía tons mais dourados. Na altura de sua testa, uma coroa de linhas com ouro puro adornava ainda mais sua aura majestosa. Havia se tornado mesmo um monarca.

-Você os seus Dragões não deveriam exigir a minha presença. Eu sou o atual senhor dessa ilha. Sou EU que obtive poder sobre essas terras. Já sua pequena comitiva não tem poder algum aqui. Estou sendo piedoso. Na verdade, se os senhores não deixarem estas terras, chamarei minhas tropas especiais...

-Você nada pode aqui Arda, o Falso! - esbravejou o mago com cabelos vermelhos. Desse modo, eles pareciam mesmo chamas. Sua confiança cresceu. Mesmo diante de um elfo superior.

-Isso mesmo mago. Continue – sussurrou James. Apoiando as ações do mago. Pareciam que os membros dos Imortais Esquecidos queriam ver até onde isso chegaria.

-Como ousa mago patético?! Você não tem poder algum aqui...

-Quem não tem poder aqui é você! - começou a soltar o mago - não é necessário repetir tais palavras de ordem para mim. Você que é Arda, o Elfo das Traições. Ou prefere ser tratado como o Dissimulado? Onde estão os irmãos Wadonski? E os meus amigos Gor, Richard e Hugo?

Nesse instante, o rei das fadas soltou um sorriso. Cheio de zombaria e escárnio.

-Então é isso? Estão aqui pelos traidores? Só poderiam. Não eram aliados de Halphy, a Matadora de Dragões? Devem estar aqui por isso. Trazer caos as minhas terras. Como um bando de criaturas das trevas, alguma prole por exemplo. Devem estar compactuando com Sinestro.

-Pare de mentir sobre nós! Você fala de Sinestro, mas é você que deve o conhecer. Eu sou um aventureiro. E andei por terras por onde o dragão colocou suas garras. Seu medo do nosso inimigo não surgiu por compactuar com ele? Um receio de sua traição?

O antigo regente bateu com força contra aquele palanque, usando sua mão. Olhos com uma chama antiga se acenderam. Algo dentro do rei se revirou.

-Silêncio humano mundano! Sou regente de Avalon! E rei sobre todas as fadas que existem! Minha vontade é divina! Meus desejos nunca serão contestados! Eu sou mais poderoso que os **Deuses Amantes**! Que qualquer ser nesse ou em outro mundo!

-Pelos deuses! Era só isso que eu precisava ouvir, oh Rei Falso! - um dos homens encapuzados gritou.

-Quem é esse que se interpõe entre mim e esse pretendo abridor?

-Meu nome é James Gawain. Filho de Edward Gawain. Paladino de Kanglor. E este comigo é Galtran Coração Prateado. O druida – e ao falar sobre o colega apontou para ele.

-Obrigado por não poupar elogios a mim – comentou o sacerdote com cabelos vermelhos.

Depois disso, retiraram os capuzes. Revelaram suas identidades.

-Isso não significa nada! Poderiam dizer que um é Merlim e o outro Viviane. Isso é o mesmo que estrume para mim. Estes dois poderiam ser quaisquer estrangeiros.

-Falso é aquele que nos chama! Você é o mesmo que cobiçou o arco poderoso de um antigo herói de sua raça? Ou pensa que suas palavras foram esquecidas? Sou Galtran. Estive em combate com você. Mas se precisa recordar algo – ao falar isso,

o druida colocou a mão em um dos seus machados na cintura – minha arma o fará por você!

-Traição! Como imaginei que fariam! Guardas! Protejam seu rei!

No mesmo instante, foram cercados por um número gigantesco de soldados. Havia tantas cotas de malha reluzentes, que muitos entre os Dragões ficaram com olhos afetados.

-Deuses! Será um massacre! - disse Valquíria aflita.

-Sim – o clérigo de Zeus falou isso em resposta com um sorriso entre os lábios - Quantos acha que eu mato até que pensem sobre nos terem atrapalhado?

-Está louco homem? - perguntou Seton apavorado - É melhor nos entregarmos.

-Quem enlouqueceu foi você humano! Um anão não se entrega. Muito menos diante da iminência de um combate! - e quando essas palavras foram proferidas, Ulfgar bateu sua arma no chão.

-O que faremos Lacktum? - essa era a dúvida de Arctus.

Este se calou. Que estavam em apuros era claro. Porém, estavam em uma situação limite que ele acreditava estar pronto para lidar. Mesmo assim, Thor já tinha sacado suas espadas. Gustavo protegia as costas do padre. Valente se sentia perdido, pois ele tinha deixado aquele lugar como um filho e voltou sendo tratado como um traidor. Apesar disso, não queria ferir ninguém ali.

Estranhamente, Bahamunt saiu das costas de Siegfried. Começou a andar na direção dos dois Imortais e o líder dos Dragões. Parecia em transe.

Tocou o ombro de Lacktum. E passou na sua frente, em seguida, ele apontou para Arda.

-Recitou os nomes dos Deuses Amantes, Vossa Majestade Falsa. Você não tem moral para me enfrentar ou declamar sobre divindades. Já que matou meus pais.

Todos observaram com olhos arregalados para o arqueiro elfo. Os dois membros dos Imortais Esquecidos, os jovens Dragões da Justiça, o suricate Valente, os guarda de Arda... Nenhum deles se sentiu tão constrangido quanto o rei e regente. Pois cada palavra parecia uma sentença.

-Do que fala elfo? - questionou o mago de cabelos vermelhos - Está louco? Mais do que de costume.

-Nunca estive tão lúcido! Arda, um antigo arqueiro místico matou a sangue frio meus pais.

-Como ousa! Seu...

E antes que terminasse seu discurso, uma luz infinita surgiu no ar.

Como uma grande e enorme fonte de luz comparável a um sol cegante, o brilho conseguiu atingir os olhos de todos. Não causou dor. Era mais como uma revelação. Uma visão abençoada, com a forma de uma mulher. Nela os traços de uma nobre elfa.

Ninguém sabia quem era. Até que a voz reveladora de Bahamunt dissipou tal dúvida:

-Mamãe!

Usava leves veste, que misturavam os trajes de um ladino e mago. Seus cabelos presos, em um único laço a faziam lembrar algumas humanas. Seus traços élficos, no entanto, quebrando este aspecto. Sua pele transparente quase, seria devido a alguma magia de mensagem que fez aquela imagem surgir. Com certeza, era algo surgindo do passado.

Essa imagem parecia ligada ao bracelete do arqueiro. Este por sua vez, caído no chão - mas ainda acordado - pelo poder de tal encanto que era vislumbrado por todos. Atônito, quase que com um ar infantil. Nunca o grupo conseguiu notar um semblante tão alegre naquele elfo.

O rei exigiu que aos guardas para deter quaisquer que fossem as intenções daquela imagem. Ocorreu que quase nenhum ser diante daquela luz antiga se mexeu. Nenhum músculo. Só a boca e os olhos. Até Arda notou tal feito tarde demais.

-Mago, o que é isso? - perguntou Thrór, com um pequeno tom de preocupação em sua voz.

-Deve ser um efeito do bracelete de Bahamunt – responde prontamente Lacktum – Dessa forma garantiria que todas as escutassem com um mecanismo de ativação específico. Silêncio grego. Ela deve falar agora.

E assim ocorreu.

-Desde já peço perdão. O efeito paralisante de minha magia em seus corpos, se dissipará quando ouvirem o que tenho a lhes disser. Meu nome é Aryanna, maga e especialista a serviço de Avalon. Eu e meu marido, notávamos uma trama se desdobrando na Corte Élfica. Um dos nobres e seu único filho foram mortos de forma suspeita. Os indícios falavam de um homem carregando uma poderosa espada. E isso foi o primórdio do conflito entre homens e minha raça. Após isso, o general Arda acabou com a Corte Humana.

James e Galtran, os dois únicos a não serem afetados pela magia aproveitaram aquela pausa da elfa para conversarem:

-Até esse ponto nada de novo – James afirmou.

-Sim. O mesmo que sempre suspeitamos.

Aquela mensageira fantasma continuou suas revelações

-Graças a um exilado de seu próprio, o anão Mallmor, descobrimos seu próximo passo. Com a ajuda de um antigo cavaleiro e estudioso arcano, Arda criou um encantamento poderoso. Ele fez com que toda a Corte Élfica se atacasse. Uma carnificina. Eu e meu marido, Gaundred descobrimos que ele fez isso através de uma planta. Ela provém de uma terra do Oriente, tão escondida como Avalon. O lugar se chama Shambala e o nome da planta é *jagan*³. Um poderoso alucinógeno. E usado no ritual, de uma forma correta causa estragos mentais. Ainda mais se seu usuário for poderoso ou saber mexer com isso. Ou ao

³ Jagan teria um significado de algo próximo de “mau-olhado”, ou seja, algo que cria visões falsas ou demoníacas.

menos com mana suficiente. Sabendo que seríamos mortos caso expuséssemos ele... - nesse instante houve uma pausa. Bahamunt notou a aflição na voz daquela que já foi sua mãe.

As lágrimas escorriam do rosto de um elfo jovem que não possuiu por muito tempo o carinho dos pais.

-Tivemos que levar o jovem Bahamunt, nosso filho, para o Norte. Um conhecido território de lobos, gigantes de fogo e gelo, dragões poderosos e demônios luxuriosos. E homens cheios de força para o proteger. Mas como maior defesa, eu lhe lancei uma magia que nunca deixaria sua mente possuir um pensamento coerente. Assim, mesmo que um ser com a intenção de o interrogar faça isso, não conseguirá sequer uma informação. Isso pode ser horrível e cruel – dessa vez, a imagem de Aryanna soltava lágrimas - só que não temos tempo. Desde já lhe peço perdão filho. Quando o bracelete que fiz para você estiver diante de Arda. E então pronunciar seu nome... O item revelará essa magia. Por isso ouvem este eco do passado. Dentro do bracelete existem inscritos mágicos que provam o que estou falando. Não são muitos, mas o suficiente. Nunca poderíamos mostrar isso na nossa época, pois... Seríamos apenas tratados como traidores por citar isso. Pelo simples fato de conversarmos sobre isso com Mallmor. Já havia preparado o anel e esse item, já que sei que morreria. Não temos força para enfrentar toda a Avalon. Talvez nunca encontrem nossos corpos. Assim mesmo, eu quero deixar uma última mensagem para você Bahamunt. Nós te amamos. Acima de qualquer coisa em toda a Gaya, nós te amamos meu pequeno elfo. E um dia, no Ciclo do Além, nos uniremos como uma família. Adeus meu filho.

Após essas palavras, a imagem da mulher élfica sumiu. Todos podiam se mexer finalmente. Bahamunt caiu como em um torpor. Valquíria o amparou.

O ódio de Arda havia se tornado ira. Poderia até mesmo ser temor. Já que agora gritava enlouquecido que matassem até mesmo os encapuzados. E os soldados pareciam estar sendo controlados através de alguma magia muito poderosa. Será que era a jagan?

-E então mago? - questionou Thrór – O que faremos agora? Tudo bem que eu gosto do combate. Só que isso é ridículo! Eles estão sendo controlados por seu líder.

-Eu sei! Noto nos olhos desses elfos que não acreditam completamente no que fazem! - constatou Lacktum Van Kristen.

-Menos palavras, mais ação mago inglês! Caso contrário eu vou acabar com eles – e Tom ergueu sua lâmina rapidamente de um modo defensivo – Podem não acreditar em nós, só que estou indisposto para os convencer. Criarei juízo neles com minha espada.

Lacktum ficou calado. Não sabia o que fazer. Esse era o problema de possuir uma consciência. Mesmo com dúvida, um soldado não se voltaria contra seu rei facilmente. Ainda mais se magia estivesse envolvida. Pouco importa quem ganharia. Sangue seria derramado sem necessidade.

Um grito ecoou por todo o salão. Seu som continha autoridade. Como quando muitos anos se tivessem passado e o dono daquela voz pudesse demonstrar isso. Exigia silêncio.

Adentrando o lugar estava Kalidor. Ele carregava nos braços alguém em seus braços. Estava bem claro isso. Além de sua aura, o fato de carregar um cadáver fez com que lhe abrissem caminho. Sua armadura negra e o corpo coberto com um pano branco, faziam ele parecer um anjo da morte.

Alguns dos Dragões que o acompanhavam com a visão estavam assustados, já que nunca haviam visto aquele homem. Os mais antigos questionavam quem era aquele morto, ao qual não conseguiam identificar.

-Kalidor Hein Hagen... Ao que devo o desprazer de sua vil presença? - perguntou com certo ar de escárnio o rei.

O cavaleiro negro não ligou para isso. Chegou próximo de James e Galtran. Não pronunciou sequer uma palavra, só moveu a cabeça. Era o cumprimento necessário entre homens daqueles status de poder e vontade em uma situação como aquela.

Depositou o corpo no chão, do modo, mais respeitoso que conseguia. Em seguida, ele voltou seus olhos para o alto na direção de Arda.

-Diante desse corpo na minha frente, eu juro que as palavras do próprio Hades eram mais confiáveis que você Arda. Ao menos uma serpente é menos traiçoeira que o Falso Rei. Pois a declaração da elfa Aryanna, mesmo morta, é mais confiável que a sua!

Os jovens aventureiros olhavam tudo com as mãos sobre suas bocas. Ou até mesmo ficavam rindo da situação. Era patético notar que um rei discutia com um guerreiro.

-Maldito seja Lobo Negro! Assim como aqueles que o antecederam e os que vão lhe suceder!

-Não me amaldiçoe, Arda. Amaldiçoe a si mesmo e os seus atos diabólicos. Pois eu sei que no anel que este jovem possui devem estar inscritos, seus feitos sórdidos.

Arda riu

-E o que eu fiz de tão cruel? Fale, oh Senhor do Lobo Negro.

O contra-ataque de Kalidor iria começar:

-Arda, Rei das Fadas, regente de Avalon, até onde sei... Você é o elfo que mais longe se aventurou no extremo leste. Terras onde dragões tem outros nomes e voam sem asas. Você com certeza deve ter conhecido a tal Shambala – enquanto falava isso, cobriu-se melhor com aquela capa negra - Não me baseio só nas palavras da mensagem de Aryanna. Como, eu me pergunto até hoje, Iliana foi enganada por Sinestro? Ela, uma das poucas nobres que não participou da caça real dos elfos, que tempos depois morreriam. Creio que os poderes de Avalon não permitiriam tal feito. Mesmo se tratando de um poderoso dragão.

-Então você acusa um dos porteiros? - questionou para tirar o foco sobre si, Arda.

-Não, eu acuso você. Assim como o acuso pela caça de Songard, o único humano que foi contra a dissolução da Corte Humana. Caçado pelos Arqueiros da Ordem Mística.

Contos do Tempo Perdido

Siegfried escutou de modo que seus ouvidos se preencheram. Ele, que agora acudia Bahamunt, estremeceu.

-Esse nome...

Kalidor se virou na direção do suposto guerreiro do Norte.

-Sim. Os deuses não jogam com a sorte. Isso não é uma coincidência. Eles caçaram seu pai.

Siegfried deixou Bahamunt aos cuidados de Ulfgar e Valquíria. Pegou sua lâmina, a erguendo na direção de um rei. Nunca os jovens imaginariam tanto ódio em uma imagem de combate. Foi detido por Lacktum.

-Minha lâmina deseja o pescoço desse falso rei! Você ouviu o que ele fez! Mesmo assim me detêm? Por qual motivo arcano?

-Eu, melhor do que ninguém, sei qual é o desejo de cumprir uma vingança. Como ela nos motiva e impulsiona. O que ela causa, no entanto, não é satisfação. E perturba nossa mente. A deturba. Mas ela não é plena. Nos mata a alma e envenena com trevas.

-Como pode falar isso? Parece as frases de um velho!

-Eu sei do que falo!

Ao falar tudo que estava em sua alma, o mago largou Siegfried. O guerreiro notou que os olhos do arcano inglês diziam a verdade. Por fim, ele embainhou sua lâmina.

Ainda assim, todos no grupo sentiam o clima tenso naquele lugar. Tudo parecia se fechar ao redor deles. Mesmo estando fazendo algo correto, os soldados não pareciam acreditar neles

-Então... Suas mentiras acabaram? Vocês amigos da traidora, Halphy. Ao que parece não notam como ela influenciou vocês. Após o teste do obelisco deveria estar claro em suas mentes isso. Já que ela conseguiu ludibriar os poderes de Avalon.

Lacktum se voltou para Arda. Seus olhos vibravam com aquilo que tramou na mente. Seu plano começaria.

-O que disse, Falso Rei? - o mago questionou sorrindo.

-Como? - soltou Arda contrariado.

O mago encarou aquele elfo. Pois finalmente tinha encarado aquele que com certeza era um traidor. Com toda a certeza.

-Nós nunca mencionamos o obelisco. Os guardas aqui deixem os ouvidos preparados, pois não citamos o obelisco. Como sabe que ele foi ludibriado? Nem nós sabíamos... A não ser... Foi você! Quem ajudou ela. De alguma forma você permitiu que ela fosse provada pelo obelisco. Nenhum de nós teria poder ou habilidade para isso.

-Co-cómo assim? - Arda gaguejou finalmente.

-Sabia de tudo! - soltou Arctus ao lado do mago refletindo sobre a situação - Já que como regente, sabe como burlar tal artefato.

Valente subiu na cabeça de seu amigo e líder Lacktum.

-Onde está o Furta-Trufas? - exigiu o pequeno suricate.

-Foi você quem auxiliou Halphy em tudo! - falou enraivecido Seton.

-Por Ares, eu juro decapitar você lentamente! - bravejou Thror.

O rei tremia. Ainda assim, ele gritava afobado:

-Demônios cheios de mentiras são esses estrangeiros! Guardas... - e antes que terminasse sua fala foi detida por uma voz feminina. Era a ninfa, rainha das fadas, Aluniel.

-Já basta! Meu marido e soberano... Lhe peço a calma e paciência. Suas palavras devem possuir verdade. E se assim for, eu sugiro um teste: toque o obelisco.

Ele notou de onde sua mulher falava. Estava ao lado de Lacktum. Com certeza os Dragões tinham o apoio daquela dama.

-Minha... Minha amada senhora... Do que fala? Não nota que é sem sentido tal ato? Eu sou o único que pode fazer uso do artefato desse modo.

-Errado. Sou sua mulher. A esposa do regente de Avalon. Meus direitos são grandes nessa questão.

-Eu exijo...

-Exige o que? Meu silêncio? Pois isso não terá hoje, nem nunca mais! Você pode ter alcançado o poder através de planos e tramoias. Só que eu sou Aluniel, rei sob o carvalho. Minha força é maior que a sua nesse ponto. E não estamos entre os humanos, onde mulheres muitas vezes não tem voz.

Arda tremia. Como se estivesse nu durante o mais frio e avassalador inverno nas terras do extremo Norte. Era um misto de raiva, frustração e temor. Ao qual não conseguia deixar de sucumbir.

-Guardas! - falou a regente e apontou, para o que parecia ser agora, seu antigo marido – Levem-no ao obelisco de Avalon. E se ele não passar... Exilem-no.

Uma atitude inesperada surgiu em Arda. Começou uma tentativa de fuga. Muitos dos Dragões já iriam se manifestar. Só que algo os deteve. Os próprios soldados de Avalon pararam aquele elfo.

-Desgraçados! Como ousam? Sou um rei! - soltava aos céus Arda, enquanto se debatia nos braços daqueles combatentes.

-Nós servimos a Avalon! Não você Falso rei! - soltou um daqueles guardas.

Enquanto isso, Aluniel subiu as escadas. Mesmo com tudo que ocorreu ela mantinha uma aura de magia. Realmente, o encanto de uma ninfa era algo superior a presença de um rei.

Ao chegar na parte de cima do salão, encarou aquele que era seu marido.

-Veremos se é mesmo digno da Ilha das Brumas.

Não se soube mais sobre Arda. Nem na ilha, nem em toda a Inglaterra. Nesse tomo não trataremos sobre isso. Porém, ele surgirá para os Dragões novamente em um determinado momento.

Os Dragões festejaram por certo tempo. Até notarem algo.

Após tudo que aconteceu, o grupo de jovens aventureiros silenciou. Isso pois, após o ocorrido finalmente eles saberiam quem era o cadáver. Um sentimento de tristeza atingiu muitos quando a mortalha subiu.

-Nico – muitos falaram.

-Quem é esse? - perguntou Siegfried confuso.

-Um amigo. Só precisa saber disso – comentou Gustavo colocando a mão no ombro do guerreiro. O cavaleiro sagrado lembrou quando conheceu aquele ser. Acreditando que ele era um feiticeiro. Muita coisa se passou em pouco tempo.

-Quem fez isso – perguntou o arcano de cabelos vermelhos.

-Um clérigo chamado Zacharias – respondeu Kalidor.

-Praga – comentou baixo Lacktum, ainda assim com um rosto nervoso.

Arctus abaixou-se e tocou a mão do ser que tinha tomado forma humana. Um dia, ele lembrou rapidamente, sobre como foi em sua forma real. Ele era um ser que atraía atenção grande para si. Por sua curiosidade em relação aos humanos com certeza.

Mesmo que tudo mostrasse o contrário, era um momento sereno. Já o único a soltar um gesto severo foi Lacktum. Ele fechou o rosto. Cobriu aquele ser, companheiro de algumas jornadas, com uma mortalha.

-Não creio muito nos deuses. Mas se você acreditasse quando em vida – respirou e olhou para cima, buscando forças para continuar aquela frase – espero que seja bem recebido. Adeus Ikkanon.

-Adeus Dragão de Ouro – falou um comovido Arctus.

Seton mexeu rapidamente sua mão esquerda. Nela brotou uma coroa feita da semente de certa flor rara. Colocou acima do corpo de Nico e ela germinou.

-E o que faremos com ele? - perguntou Valquíria enquanto se enrolava no braço de Tom.

-Talvez devêssemos o levar a um cemitério de dragões - soltou Lacktum tentando solucionar o problema – Ouvi lendas. Nada quem uma boa...

-Não. Não existe em toda a Gaya um cemitério para dragões - falou seriamente Kalidor cruzando os braços - Isso, pois

na verdade, o cemitério desses seres não é um lugar. Ele é... Como disse Gibraltar uma certa vez... Um semi-plano. Um meio mundo.

Alguns ficaram confusos. Na verdade, só aqueles que eram sacerdotes e arcanos compreenderam aquilo. O momento não era para refletir sobre aquela situação. Uma decisão já tinha sido tomada.

-Então, o que faremos? - perguntou Lacktum.

Kalidor se agachou. Pegou o corpo em suas mãos. Em seguida, ele encarou o paladino James e o druida Galtran mais uma vez.

-Seu corpo está como o de um homem. Então, será enterrado como um. Aqui mesmo em Avalon. Benditos sejam os olhos das criaturas que enxergam bondade nos mortais.

A comitiva dos Dragões junto com os líderes dos Imortais Esquecidos caminhou para um lugar distante do centro da cidade. Os mais antigos na frente, sendo que Kalidor carregava o corpo. O pano tremulava com movimentos do ar, que deixavam mais solene aquela marcha fúnebre. Já o aroma da coroa de flor impregnava todos ali.

Cada um dos mais jovens lidava com aquilo como conseguia. Lacktum se calava e para isso se fixava no nome de Zacharias. Thrór chorava igual uma criança e deve que ser aparado por Gustavo. Seton e Arctus entoavam hinos de suas

respectivas crenças. Valente observava tudo do ombro de seu amigo, o arcano. Valquíria era coberta por um dos braços de Tom. Bahamunt despertou e ouviu de Ulfgar e Siegfried o que teria acontecido.

Era possível ouvir que James entoava cânticos religiosos, que tinham muita similaridade com o idioma atlante. Lacktum não sabia o significado de algumas daquelas palavras. Com certeza eram lamentações e hinos de louvor. Um paladino e um sacerdote, nesse ponto, são muito parecidos. O mago considerava aquilo inútil, só que era uma das únicas coisas que alivia almas nesse momento triste. A perda de alguém.

Após muito andar os jovens e os antigos, eles alcançaram o local. Uma planície.

Nuvens cobriam o céu de Avalon. Elas eram rasgadas por faixas de luz que pareciam escadas. Elevando almas perdidas.

O lugar remontava aos mais jovens, um tempo mais simples e humilde. Onde as perdas não pareciam tantas. Pois muitos ali já tinham perdido muitas pessoas, ao menos para essa idade dos mais jovens. Outros ainda diziam que não, que os Dragões ainda tenham mais almas a temer perder. Porém, no coração daqueles aventureiros, não parecia isso.

Pouco a pouco, os que conheceram Nico, se lembram de como ele era. Não por sua genialidade ou vaidade – como são muito conhecidos os dragões - mas pelo amor que nutria pelos homens.

Pequenas fadas brincavam ao redor dos cabelos, rostos e mãos. Elas pareciam ignorar aquele ato solene.

Eles estavam enterrando um mito. Algo que muitos não imaginariam existir de verdade. O mundo real, mesmo possuindo tantas maravilhas, as esquece ou perde. Como os litorais dos reinos élficos. Em que pisavam.

Se dirigiram até uma árvore. Não sabiam qual o nome da planta. Seton comentou que era chamada Dente de Cadmus, ou Dente do Dragão, depois. Devido a forma pontiaguda se sua flor. Quem seguia os parâmetros arcanos de Avalon sabia que era usado para magias e feitiços.

Cada vida é uma obra em andamento, Lacktum pensou. Que está em constantemente remodelação e renovação. As vezes pelo tempo, por desastres ou algo maior. Deveria ser assim o destino de todos.

-O destino é um só - soltou Lacktum.

Siegfried e Bahamunt se matinham firmes. Suas feições lembram aço negro. O centro dos olhos perdeu a claridade natural. Tudo devido ao ódio por Arda.

As pessoas não compreendem a suprema perfeição da morte. Com ela, algo deve se alterar nas vidas daqueles que permanecem.

Dizem que um corvo da deusa Morrigan, parou te levar as almas dos mortos, após a morte de certa pessoa. Alguém que o pássaro passou a amar. E que faria tudo para ter de volta. Foi